

TEXTOS CLÁSSICOS

BRENTANO E WUNDT: PSICOLOGIA EMPÍRICA E EXPERIMENTAL¹

Edward Bradford Titchener

(1921)

§1. O ano de 1874 testemunhou a publicação de dois livros que, como posteriormente se mostrou, foram de primeira importância para o desenvolvimento da psicologia moderna. Os seus autores, já em plena maturidade da vida, eram homens de reputação estabelecida, experimentados como investigadores zelosos pela pesquisa, bem situados como professores, com um excepcional poder de influência sobre mentes mais jovens; dispostos, como polemistas, a cruzar espadas com um Zeller ou com um Helmholtz. Ainda assim, quem quer que buscasse, não encontraria sinal de parentesco intelectual mais próximo entre eles; na verdade, dificilmente se encontraria maior divergência, tanto em termos de tendências, como em termos de treinamento. A Psicologia pode, com prazer, confessar o seu débito para com ambos, dado o tanto que o exemplo de cada um deles contribuiu para assegurar o lugar dela entre as ciências. Ainda que o seu débito pessoal seja igualmente duplo, o estudante de Psicologia deve, ainda assim, fazer uma escolha por um ou pelo outro. Não existe meio termo entre Brentano e Wundt. [2]

Franz Brentano começou sua carreira como teólogo católico. Em 1867, publicou um esboço da história da filosofia no âmbito da igreja medieval, em que expõe, tão clara e agudamente quanto no ensaio de trinta anos depois, a sua famosa doutrina [p. 109] das quatro fases [3]. Tanto inicial quanto posteriormente, entretanto, o seu interesse intelectual se centrou na filosofia de Aristóteles. Brentano chegou à Psicologia através de um estudo intensivo do *De Anima*, e fez do método Aristotélico o seu padrão de procedimento científico. Infelizmente, temos apenas o primeiro volume de sua *Psychologie*: Brentano parece ter preferido a palavra falada à palavra escrita:

mas este volume, como tudo o mais que ele entregou para impressão, é completo em si mesmo, a expressão final de seu pensamento maduro.

Wilhelm Wundt começou como fisiologista, interessado no especial fenômeno do nervo e do músculo. Em 1862, buscou estabelecer os fundamentos de uma “psicologia experimental” (a expressão aparece então impressa pela primeira vez) [4] numa teoria da sensopercepção. Aqui, Wundt incorreu num erro ao qual é suscetível todo estudante da ciência natural que muda para as coisas da mente sem a devida preparação: a saber, o erro de supor que a psicologia não é mais do que uma lógica aplicada. E o erro foi repetido num trabalho popular sobre psicologia humana e psicologia animal, que se seguiu ao volume técnico. Em 1874, ele tinha descartado, definitivamente, esta visão inicial de concepção da psicologia como uma ciência independente. Ele ainda sustentava, entretanto, que o caminho da psicologia como ciência independente passava pela anatomia e pela fisiologia do sistema nervoso.

Em breve esboço, tais foram as condições em que as duas psicologias adquiriram sua forma e substância. De um lado, vemos um homem que devotou suas *horas de reflexão solitária* à filosofia antiga e à filosofia medieval; por outro lado, vemos um homem que forjou no laboratório as suas contribuições para a mais recente das ciências experimentais. Ambos são professores de filosofia, e a influência de cada um deles estender-se-á por sobre os variados campos da investigação filosófica. Ainda assim, seria um erro supor que a psicologia a que cada um deles chegou, e que, por um feliz acaso, eles deram ao mundo num mesmo ano, representa meramente um incidente da história filosófica deles. Ao contrário, a Psicologia deitou sobre eles uma mão forte, e haverá de dominar todo o seu pensamento posterior. Uma geração [p. 110] depois, Wundt arredondará a variada lista de seus livros com a enciclopédia de psicologia dos povos, e Brentano nunca desiste da esperança de uma psicologia descritiva, que se

¹ Publicado originalmente no *American Journal of Psychology*, 32, 108-120. Uma versão no original em inglês encontra-se disponível no site *Classics in the History of Psychology*, organizado por Christopher Green (York University, Toronto, Ontario), no endereço: <http://psychclassics.yorku.ca/Titchener/brentano-wundt.htm>

seguiria, talvez a longo prazo, por uma psicologia genética, como a fruta madura de sua estudiosa velhice.

§2. Podemos melhor entender a natureza desta escolha que se coloca diante de nós se, inicialmente, observarmos os pontos de semelhança entre os dois sistemas. Porque, mesmo em 1874, a psicologia não era tão ruim que fizesse com que Brentano e Wundt estivessem sempre em discordância. Eles concordam que a psicologia tem um papel de alta importância na comunidade das ciências, e que ela é logicamente prioritária às ciências naturais [5]. Concordam que a psicologia pode prescindir do conceito de substância, e se restringir a uma consideração pelo fenômeno [6]. Rejeitam o inconsciente como um princípio de explicação psicológica [7]. Definem a unidade de consciência substancialmente nos mesmos termos [8]. Até aí existe concordância. E, ainda que a concordância seja grandemente de tipo formal, e que grande parte dela tenha um fundo negativo, em reação contra Herbart, ela serve, não obstante, para assinalar um universo comum de discurso.

Do lado material existe também concordância; com uma diferença de ênfase, que as diferentes autorias naturalmente nos levariam a esperar. Descobrimos, por exemplo, que Brentano lida longamente com o método geral da psicologia, e se esforça para distinguir entre **percepção interior** e **observação interior**, enquanto que Wundt toma a percepção interior como dada, e descreve em detalhes apenas aqueles procedimentos especiais que a elevam ao nível de experimento [9]. [sic] Descobrimos então que Wundt devota muito espaço à psicofísica Fechneriana, e que interpreta a lei psicofísica como uma lei psicológica geral da relatividade; enquanto que Brentano faz apenas menção incidental, e crítica, ao trabalho de Fechner [10]. As diferenças são bastante evidentes, mas existe concordância por trás delas com relação ao sujeito-objeto da psicologia. Mesmo no caso extremo, em que um livro enfatiza o que o outro omite, a diferença não significa, necessariamente, discordância. Descobrimos, mais uma vez, que Wundt nada diz acerca de uma questão que para Brentano tanto é o problema essencial da psicologia como era o primeiro problema da psicofísica, a questão da 'imortalidade', da continuação de nossa vida mental depois da morte; e que, por sua vez, Brentano não [p.111] discute o problema cardeal de Wundt, o problema da atenção. Ainda que Wundt tenha tocado na questão da imortalidade em seus escritos iniciais, e Brentano claramente reconheça que existe um problema da atenção, ainda que (como podemos supor) ele tenha empurrado a discussão deste para o seu segundo volume [11].

Assim, o estudante de psicologia que leu esses dois livros no ano de sua publicação, se deu os devidos descontos ao treinamento e tendências naturais dos autores, entreteve uma razoável esperança com relação ao futuro de sua ciência. E nós próprios, que vemos muito mais

claramente as diferenças do que para ele era possível, podemos ainda esperar que a principal questão possa ser tomada na base de um chão comum, e disputada a partir de pequenas distâncias.

§3. Brentano dá ao seu livro o título de **Psicologia do Ponto de Vista Empírico**. Wundt escreve **Psicologia Fisiológica** em sua página título, e sugere **Psicologia Experimental** em seu texto [12]. Os adjetivos não nos ajudam muito. Porque, num sentido amplo, toda psicologia experimental é empírica, e a psicologia que, num sentido estreito, é empírica, pode ainda ter recurso ao *experimento*. Para mostrar a diferença real entre os dois livros, a diferença que permeia toda a sua textura e composição, é necessário, neste estágio, termos que são ambos familiares e claros; não chegou o tempo ainda para tecnicidades e definições. Como uma primeira aproximação, podemos dizer que a psicologia de Brentano é essencialmente uma questão de **vivência argumentativa**, enquanto que a questão de Wundt é essencialmente uma questão de **descrição**.

No final de sua discussão de método, Brentano se refere, com aprovação, ao uso da *aporiae* por Aristóteles, refere-se a dificuldades e objeções; o uso da *aporiae* no qual um sujeito pode ser visto de vários ângulos, e as opiniões são avaliadas contra opinião, e argumento contra argumento, até que, pela comparação de prós e contras, uma conclusão razoável seja alcançada [13]. Grosso modo, é esta a sua própria forma de trabalho. Raramente, e apenas em termos gerais, ele apela para fatos da observação. A sua regra é a de descobrir o que outros psicólogos disseram, submeter as suas afirmações a um minucioso escrutínio lógico; e assim, através de um processo de peneiramento visando [p. 112] preparar a mente do leitor para uma determinação positiva. Quando, desta forma, foi feita uma limpeza do fundo, podemos dizer que, qualquer que seja a sua novidade, a doutrina de Brentano tem a aparência (por assim dizer) de uma verdade necessária; sentimos que devidamente consideramos as possibilidades em questão e chegamos a uma decisão racional; e se, por questão de consciência [sic], prosseguirmos no sentido da dedução e da verificação, podemos ter antecipadamente a segurança de que cada elemento se encaixa no interior do sistema. Pontos menores podem precisar ser expandidos, até mesmo à luz de novas *aporiae*, a corrigir; mas a totalidade da exposição dá a impressão de finalidade [14]. Não é de espantar, portanto, que muitos estudiosos tenham julgado o autor muito bem sucedido em seu intento de escrita, não a psicologia de Brentano, nem ainda uma psicologia nacional, mas – psicologia [15].

O livro de Wundt, ao contrário, abunda de fatos da observação: fatos anatômicos, fatos fisiológicos, resultados de experimentos psicofísicos e psicológicos. Seu capítulo introdutório é breve a ponto de ser perfunctório, e a crítica das teorias psicológicas é empacotada em parágrafos de letra miúda que, para todos os fins e objetivos,

são uma série de apêndices. Para ser exato, existe grande quantidade de argumentação. Onde são escassos os fatos, eles devem ser não apenas generosamente interpretados, mas devem igualmente ser testados por hipóteses; se um fisiologista de vanguarda interpretou erroneamente o problema do senso percepção, [p. 113] ele deve ser convencido a um melhor modo de pensar; de qualquer forma, a nova ciência da psicologia experimental deve oferecer um arrojado intermédio a suas irmãs mais velhas [16]. A argumentação no livro é, não obstante, sempre secundária, e, frequentemente, meramente tentativa; de modo que o livro como um todo dá a impressão de incompletude, de um primeiro ensaio que pode ser melhorado, à medida que tiverem sido desenvolvidos mais trabalhos (e uma grande quantidade de sugestões para trabalhos ulteriores tem sido feita [17]). De modo que não é acidental – antes um reflexo direto do espírito com que os autores abordaram a sua tarefa – que o volume de Brentano ainda hoje tenha a data de 1874, enquanto que o livro de Wundt, aumentado quase em três vezes o seu tamanho inicial, chega a sua sexta edição [18].

Esta inteira diferença entre **vivência argumentativa** e **descrição** significa, naturalmente, uma diferença radical de atitude com relação à própria psicologia. Significa que Brentano e Wundt, a despeito de concordância formal e material, psicologizam de diferentes maneiras. Nosso próximo passo, portanto, é o de colocarmo-nos dentro dos sistemas, e dar-mo-nos conta, tanto quanto possamos sem entrarmos em muitos detalhes, que tipo de disciplina eles pretendem que seja a psicologia. Temos que escolher: e as ilustrações que se seguem mostrarão as alternativas de escolha de um modo concreto e tangível.

§4. **Brentano** define a psicologia como a ciência dos fenômenos psíquicos. O termo pode ser facilmente mal entendido: porque os fenômenos em questão muito longe estão de serem aparências estáticas. Em geral, eles são atividades; no caso individual são atos. De modo que podem ser nomeados, apenas, por um verbo ativo. Os fenômenos psíquicos caem em três categorias fundamentais, a saber, de Ideação (vejo, escuto, imagino), de Julgamento (reconheço, rejeito, percebo, recorde), e de Amor-Ódio (sinto, desejo, resolvo, tenciono, desejo). Podemos usar substantivos, se quisermos, e podemos falar de sensação e de idéia, de memória e imaginação, opinião, dúvida, julgamento, alegria e tristeza, desejo e aversão, intenção e resolução; mas devemos ter sempre em mente que o fenômeno psíquico é sempre ativo, é um sentir ou um duvidar ou recordar ou um querer.

É verdade que nunca temos ato sem conteúdo. Quando ideamos, sentimos ou imaginamos algo; quando julgamos, [p. 114] percebemos algo, reconhecemos a verdade de algo, recordamos algo; quando amamos ou odiamos, temos interesse em algo, desejamos ou repudiamos algo. Esta é, exatamente, não obstante, a diferença entre fenômeno psíquico e fenômeno físico. Estes

últimos são vazios e inertes: a cor ou figura ou paisagem que eu vejo, o acorde que escuto, o calor ou frio ou o odor que sinto, os objetos similares que eu imagino; todas essas coisas são descritas quando a aparência dada delas é descrita; a aparência delas totaliza-as e as exaure; elas não têm referência, nem nos conduzem para além delas. Os fenômenos psíquicos, por outro lado, se caracterizam exatamente pela relação com um conteúdo, pela referência a um objeto, eles contêm neles um objeto intencionalmente; e este caráter de objetividade imanente, em virtude do qual eles são ativos, distingue-os singularmente dos fenômenos físicos sobre os quais eles se dirigem ou para os quais eles apontam. Mesmo em casos onde o conteúdo de um fenômeno psíquico não é físico, mas é um outro fenômeno psíquico, a distinção se mantém. Porque o ato que se torna conteúdo, ou objeto, de um outro ato não é por isso privado de seu caráter essencial, ele é ainda devidamente ativo; e, portanto, não pode de modo algum ser confundido com a simples aparência física [19].

Estes são os pontos de vista de Brentano acerca do sujeito-objeto da psicologia. Ele começa por considerar as alegadas diferenças entre físico e psíquico, encontra uma *differentia* adequada do psíquico, e, por consequência, é capaz de definir a psicologia em termos do objeto com o qual ela lida. Ele revisa então as principais classificações dos fenômenos psíquicos feitas até então, e chega a uma classificação própria, na qual é atribuída ao julgamento uma categoria independente; e sentimento e vontade são agrupados abaixo de uma mesma categoria. Ao longo de toda a discussão ele confia principalmente na **vivência argumentativa**. Para ser exato, ele usa o testemunho da **percepção interior**: mas a percepção interior não é observação; é antes uma cognição ou julgamento autoevidentes; e como tal é, se podemos usar a expressão, da mesma natureza que o argumento [20]. A observação psicológica para Brentano é possível apenas quando atos passados são trazidos pela memória: verdadeiramente, então, como ele admite, mesmo um tipo de experimentação torna-se possível. A memória, não obstante, é passível não apenas de ilusão grosseira, mas o ato de memória, mais uma vez, cai sob a categoria de julgamento, de modo que o próprio experimento tem lugar no mundo [p.115] da **vivência argumentativa** [21]. A psicologia empírica, desta forma, emprega as mesmas atividades psíquicas para estabelecer a natureza de seu sujeito-objeto, e para discutir a variedade de opinião psicológica.

§5. Para **Wundt**, a psicologia é parte da ciência da vida. Os processos vitais podem ser vistos de fora, e temos então aí, o sujeito-objeto da fisiologia; ou eles devem ser vistos de dentro, e temos aí, então, o objeto da psicologia [22]. Os dados, os itens deste sujeito-objeto, são sempre complexos; e a tarefa da psicologia experimental é a de analisá-los nos *processos psíquicos elementares*. Se conhecermos os elementos, e pudermos compará-los com os complexos resultantes, podemos esperar compreender

a natureza da integração; que, de acordo com Wundt, é o caráter distintivo da consciência [23].

Em última instância, as análises dos processos da vida interior nos conduzem a sensações puras, constituídas originalmente de intensidade e qualidade. As sensações não trazem referência; não buscam antes ou depois; nada nos dizem de seus estímulos, quer sejam externos ou orgânicos, e nada nos dizem de seu ponto de excitação, seja ele periférico ou central, nem antecipam as idéias nas quais encontramos-as sintetizadas [*sic*]. Elas desenvolvem o seu curso, qualitativa e intensivamente, e podem ser observadas e descritas à medida que progredem [24]. As idéias, por sua vez, são originalmente constituídas por estas sensações; nada existe dentro ou sobre elas para mostrar se são idéias de imaginação ou percepções [25]. Idéias individuais diferem, psicologicamente, de idéias gerais apenas na natureza de seus constituintes sensoriais: nas primeiras, o complexo de sensações é constante; nas últimas é variável [26]. De nenhum modo os conceitos são “formações psíquicas”; se nós os psicologizamos, descobrimos apenas os seus substitutos na consciência, palavras faladas ou escritas, acompanhadas de um sentimento vago e indeterminado [27]. Da mesma forma, os Julgamentos pertencem à lógica, e não primariamente à psicologia. Lógica e psicologia aproximam-se, apenas, como resultado do crescimento paralelo, de longa duração, do pensamento conceitual e de sua expressão na linguagem; nossos *processos psicológicos* [p. 116] *conscientes* consistem originalmente de nada mais que idéias e suas conexões [28].

A tendência de toda esta análise é clara: Wundt está tentando descrever a mente, para mostrar do que ela é constituída, e para reduzi-la a seus termos mais simples. Quando, entretanto, ele passa da análise para a síntese, a exposição é menos fácil de acompanhar. As sensações são integradas em idéias por uma *síntese psíquica* que o próprio Wundt compara com uma síntese química, e que os críticos têm assimilado à *química mental* de Mill [29]. As idéias ganham a sua referência objetiva através de um *segundo ato*, que parece constituir psicologicamente na simples adição de mais idéias; [30] ainda assim, a referência objetiva se coloca, posteriormente, para fins psicológicos. Conceitos e formas de intuição tornam-se *postulados* de antecipação do pensamento, [31] como se os aspectos lógico e prático da mente estivessem necessariamente implicados no seu aspecto *dado* ou *fenomenal*, e como se o psicólogo pudesse mudar de um para o outro aspecto, sem uma quebra na continuidade científica. Mas, ainda que possamos nos confundir acerca de detalhes, nada existe de obscuro na situação geral. Wundt, como muitos outros de sua geração, estava fascinado com a vasta promessa do princípio evolucionista [32], *original* é para ele mais ou menos o que *nascente* é para Spencer; o posterior deve derivar do anterior, porque é assim que são as coisas, e o posterior não dispõe de outra base. Que nos seja permitido recordar, no mesmo

sentido, que o primeiro esforço de Wundt é para descrever, e ele retrocede à *explicação genética* apenas quando alguma fase do sujeito-objeto tradicional da psicologia se mostra indescritível.

Esta, então, é uma das linhas do sistema de Wundt. Não obstante, nem mesmo uma psicologia descritiva pode ser escrita simplesmente em termos de sensações e de seus modos e níveis de integração. Porque o campo da consciência, lembra-nos Wundt, não é uniformemente iluminado: mostra uma pequena área brilhante como o seu centro, e uma região mais escura em redor; as idéias que a ocupam diferem em seu status consciente. E assim surge o problema da atenção. Descritivamente – Wundt assume a tarefa de **descrição** paulatina, em diferentes contextos, como [p.117] se ela estivesse *em sua consciência* – a atenção reduz à clareza de idéias e sentimentos característicos de esforço ou tensão [33]. Ela tem duas manifestações concretas, a percepção e ação voluntária; falamos de *apercepção* quando estamos considerando o curso interno das idéias, e de *ação voluntária* quando estamos considerando a questão de uma emoção em movimento externo [34]. Ambas as formas do processo da atenção estão submetidos a condições, e ambas são estritamente correlacionadas com processos fisiológicos no córtex cerebral; caem ambas, portanto, dentro dos limites da psicologia científica [35]. Ainda assim, os psicólogos as têm negligenciado, e têm pagado o preço dessa negligência, sob a forma de uma psicologia inadequada, e uma filosofia indefensável [36].

Não necessitamos aqui delinear mais da doutrina da atenção; tampouco precisamos discutir se o problema da atenção se inclui na colocação formal de Wundt acerca da tarefa da psicologia experimental. Podemos, entretanto, ilustrando as duas linhas sistemáticas interconectadas, dar uma olhada no seu tratamento da associação de idéias. Como era de se esperar, Wundt começa com o modo de integração; e sob esta designação declara que as leis reconhecidas, de similaridade e de frequência de conexão no espaço e no tempo, são imperfeitas, mesmo como generalizações empíricas. Encontramos, é verdade, duas formas de associação, distinguíveis no livre jogo da imaginação, e no pensamento reflexivo. Mas uma é mais ampla do que a associação por similaridade, na qual a efetiva semelhança pode residir em qualquer e em todo constituinte sensorial das idéias em questão, e especialmente no tom afetivo delas; enquanto a outra se revela simplesmente como uma questão de hábito. Wundt propõe, portanto, chamá-las de *associação por relacionamento* e *associação por habitualidade*. Ele sustenta que os novos termos não são indiferentes; porque fazem mais justiça aos fatos da auto-observação do que os antigos, e apontam-nos as condições da associação na substância do sistema nervoso central [37].

Aqui, então, está uma melhoria com relação à análise e síntese; mas isso não é o bastante. Porque as idéias não se associam automaticamente, como se elas se movessem

por si mesmas; as leis da associação, ao contrário, estão sob a dominância universal da atenção. E agora, se abre para o ataque experimental toda uma série de problemas especiais, que uma psicologia empírica, seguindo apenas as linhas simples de indagação, [p. 118] naturalmente não atentaria. À luz deles vamos além do associacionismo, no sentido de uma transcrição mais fiel do *curso e da conexão* das idéias; [38] da mesma forma evitamos, em nossa psicologia da vontade, o *impasse* filosófico do indeterminismo [39].

Estes parágrafos expressam, num sumário bem sucinto, os ensinamentos de Wundt em 1874. Ele não confere à psicologia um sujeito-objeto distinto e particular; a diferença entre fisiologia e psicologia repousa simplesmente em nosso ponto de vista. Wundt já tinha publicado um trabalho abrangente sobre a fisiologia; e agora, que se voltou para a psicologia, leva consigo o seu conhecimento e o seu método; está convencido de que os processos da vida interior são mais bem expostos em conexão íntima com aqueles da vida exterior, e que os resultados da observação interior são mais seguros quando as ferramentas da observação externa: os procedimentos da fisiologia, são impostas ao serviço psicológico. Wundt perde pouco tempo com preliminares, mas vai, o mais rapidamente possível, à exposição dos fatos. Onde são poucos, ou faltantes, os fatos, ele busca suplementá-los ou supri-los por suas próprias observações. Seu primeiro intento em todos os casos é o de descrever os fenômenos da mente da mesma forma que o fisiologista descreve os fenômenos do corpo vivo, escrever o que lá está, observável diante de si: testemunhar o seu modo de tratar a idéia, o conceito, a atenção, a associação. Existe grande espaço ainda para a argumentação; e o argumento – precisamos admitir – é sempre influenciado por hábitos de pensamento anteriores, pela tradição psicológica, por certa tendência para arredondar as coisas no sentido de uma completude lógica, por uma crença algo ingênua no princípio da evolução. O argumento, entretanto, não impressiona o leitor, a não ser com algo secundário: Wundt é, ao mesmo tempo, muito dogmático e voluntarioso para modificar seus pontos de vista. Tanto a recorrente necessidade de mais fatos como o trabalho de costura de retalhos do argumento sugerem ambos que a psicologia, sob a sua orientação, tem ainda uma longa estrada sistemática a percorrer.

§6. Vimos de dentro, então, as nossas duas psicologias. Vimos que Brentano olha para trás, para o passado, extirpa com mão simpática os erros deste, aceita dele o que quer que resista ao teste de sua crítica, e organiza verdade nova e antiga em um sistema destinado a durar, em seus elementos essenciais, por tanto tempo por quanto a psicologia seja estudada; Wundt, depois que reconheceu o seu débito com o passado, afasta-se dele, e mergulha no trabalho multifacetado e detalhado dos laboratórios, produzindo uma psicologia que é tanto enciclopédia [p. 119] como um sistema que traz inscrita em sua face a ne-

cessidade de contínua revisão. Qual dos dois livros tem a chave para uma ciência da psicologia?

Brentano tem toda a vantagem que advém com a continuidade histórica. Sua doutrina da objetividade imanente retrocede a Aristóteles e aos Escolásticos, e a classificação dos atos psíquicos em idéias, julgamentos, e fenômenos de amor e ódio retrocede a Descartes [40]. Mais que isto: ele pode reivindicar parentesco com todo psicólogo, de qualquer escola, que tenha abordado o seu objeto a partir de um ponto de vista tecnicamente *empírico*. Porque psicólogo *empírico* quer dizer tomar a mente como a encontra; e, como o resto do mundo, que não é composta de psicólogos, ele a encontra em uso; ele a encontra ativamente em ação, no intercurso com a natureza, e com seus companheiros humanos, assim como no seu discurso consigo próprio. Os termos podem mudar e as classificações podem variar, mas os itens de classificação são sempre atividades, e os termos empregados – faculdades, capacidades, poderes, operações, funções, atos, estados – pertencem todos ao mesmo universo lógico. Brentano, inovador como é, assume, como é de direito, o seu lugar em uma grande comunidade psicológica [41].

Para compensar esta vantagem, e para justificar a sua própria ruptura com a tradição, Wundt sustenta a promessa de um método experimental. [p.120]. Ele deveria ter sido mais explícito: porque a tecnologia, assim como a ciência – a Medicina, assim como a Fisiologia, a Engenharia, assim como Física – fazem uso do experimento. Seu propósito real, tal como podemos acompanhá-lo nos capítulos de seu livro, é o de transformar a psicologia numa ciência experimental de tipo estrito, uma ciência que deveria se dar paralelamente à fisiologia experimental. [42]. Ele sem dúvida falhou em perceber tudo que este propósito implicava, e os seus leitores iniciais podem ser desculpados por terem considerado o seu trabalho uma psicologia empírica, prefaciada por uma anatomia, e por uma fisiologia, entremeada com experimentos psicofísicos. Existe muito de psicologia empírica no volume. Se, não obstante, formos ao espírito informativo, por trás do que está escrito; se buscarmos o motivo comum no tratamento dado por Wundt aos tópicos familiares; se nos transportamos retroativamente em pensamento para a atmosfera científica dos anos setenta², e tentarmos formular, naquela atmosfera, o propósito que sobressai, distinto e claro, para nossa visão moderna; então não podemos nos enganar acerca do real significado da *Psicologia Fisiológica*. Ele fala a linguagem da ciência, no sentido rigoroso da palavra, e promete-nos neste sentido uma ciência da psicologia.

Mas Brentano também fala de uma *ciência* da psicologia. Qual dos dois autores está certo?

² Refere-se ao ano de 1870. N.T.

Notas

[1] Os parágrafos que se seguem formam a introdução ao primeiro volume do meu longamente projetado e longamente esperado trabalho sobre Psicologia Sistemática. Quando então eu escrevi, Brentano e Wundt ainda estavam vivos. Brentano morreu em Zurich, em 17 de Março de 1917; Wundt morreu em Leipzig, em 31 de Agosto de 1920.

[2] F. Brentano, *Psychologie vom empirischen Standpunkte* (daqui em diante citado como PES), i, 1874. Cf. the Biographical Note in F. Brentano, *The Origin of the Knowledge of Right and Wrong*, trs. C. Hague, 1902, 119 ss.; M. Heinze. *Ueberwegs Grundriss der Geschichte der Philosophie*, iv, 1906, 332 ff. W. Wundt. *Grundzüge der physiologischen Psychologie* (citado daqui em diante como PP), 1874. Os primeiros dez capítulos do trabalho de Wundt foram publicados em 1873 e são utilizados por Brentano. Para uma bibliografia dos escritos científicos de Wundt ver *Amer. Journ. Psych.*, xix (1908) ss.; cf. Heinze, *op. cit.*, 372 ss.

[3] J. A. Möhler, *Kirchengeschichte*, ii. 1867, 539 f.; F. Brentano, *Die vier Phasen der Philosophie und ihr augenblicklicher Stand*, 1895. As quatro fases, repetidas nos três grandes períodos filosóficos, são aquelas da construção científica, fracasso ou perversão do interesse científico, ceticismo e misticismo.

[4] W. Wundt, *Beiträge zur Theorie der Sinneswahrnehmung*, 1862, vi.

[5] PES. 24 ss., 119, PP. 4. 863.

[6] PES, 10 ss.; PP, 9, 12, 20

[7] PES, 133 ss.; PP, 644 s. 664, 708 s., 712, 790 ss.

[8] PES, 204 ss.; PP, 715 ss., 860 ss.

[9] PES, 34 ss., 184; PP, 1 ss.

[10] PP, 421; PES, 9 s., 87 ss.

[11] PES, 17 ss., 32 s., 95 s.; Wundt toma a questão da imortalidade (indiretamente, é verdade) in *Vorlesungen*, etc., ii. 1863, 436, 442; cf. o tratamento direto na última edição. 1892, 476 ss. Brentano reconhece o problema da atenção em PES, 91, 153; cf. 263, and C. Stumpf, *Tonpsychologie*, i, 1883, 68; ii. 1890, 279 s.

[12] PP, 3.

[13] PES, 96 f.; cf. J.S. Mill, Grote's Aristotle. *Fortnightly Rev.*, N.S. xiii, 1873, 48 ss. Brentano tinha notado, com a

mesma aprovação, o uso da *aporiae* por Tomás de Aquino: ver J. A. Möhler, *Kirchengeschichte*, ii, 1867. 555.

[14] Conheço apenas três correções que Brentano fez em sua psicologia. (1) Em PES 292 grau de convicção, como intensidade de julgamento, é declarado análogo ao grau de intensidade de amor e ódio (cf. 203); nas notas de *The Origin of the Knowledge of Right and Wrong* (1889). 1902, 52 s., esta analogia é negada. (2) Em PES 202 s. diz que o sentimento está sempre presente junto com a ideação; a crença no contrário deve-se à equivocada preferência da memória sobre a percepção interior (44); mas em *Untersuchungen zur Sinnespsychologie*, 1907, 119. 124, os atos dos dois sentidos superiores não são intrinsecamente emotivos. (3) Em PES 115 o objeto sobre o qual o fenômeno psíquico é direcionado não é entendido como *eine Realität*; mas as notas anexadas à seção reimpressa *Von der Klassifikation der psychischen Phänomene* (1911, 149) estabelecem que "nie etwas anderes als Dinge, welche sämtlich unter denselben Begriff des Realen fallen, für psychische Beziehungen ein Objekt abgibt." – Haveria muitas outras modificações em detalhe, não há dúvida, se o livro fosse re-escrito, e ainda outras, se fosse escrito o segundo volume; a discussão do modi [sic] de ideação na *Klassifikation* mostra que Brentano não tinha pensado em 1874 a doutrina de sua Bk. iii. No principal, entretanto, a doutrina de 1874 resistiu ao teste da contínua reflexão de Brentano e dos ataques dos críticos. Esta conquista é digna de toda admiração. Devemos acrescentar – os que desafiamos as premissas de Brentano – que mesmo as mudanças isoladas são desconcertantes. A primeira colocação é tão serenamente confiante, e as mudanças são mais uma vez feitas de um modo tão confiadamente!

[15] PES, vi.

[16] PP, Vorwort.

[17] PP, 284, 293, 314, 317, 373, 394, 399. etc., etc.

[18] Ver os prefácios às sucessivas edições do PP. Mesmo a sexta edição, como mostrei em outro local (*Psych. Rev.*, xxiv, 1917, 52 s.), não alcançou uma complementação sistemática, e apenas na quinta (PP. i. 1902. ix) Wundt determinou-se definitivamente à tarefa da elaboração de um sistema.

[19] PES, 23 s. 35, 101 ss. 161, 167, 256 ss. Sobre o problema da ciência natural como uma disciplina explicativa, ver 127 ss.

[20] PES. 35 ss. 181 ss. (sumário 202 s), 262. Cf. *Klassifikation*. 1911, 129.

[21] PES, 42, 162, 169, 262; *Klassifikation*, 130.

- [22] *PP*, 1 ss.
- [23] *PP*, 5, 20, 717.
- [24] *PP*, 273 ss., 484-s. Quando as sensações entram em conexão umas com as outras, o terceiro atributo, de tom afetivo ou sentimento sensorial, é acrescentado. Intensidade e qualidade são, entretanto, os constituintes ‘mais originais’.
- [25] *PP*, 464 s.
- [26] *PP*, 468.
- [27] *PP*, 672.
- [28] *PP*, 709 ss.
- [29] J.S. Mill, *A System of Logic*, 1843, bk. vi. ch. iv (ii, 1856, 429); *An Examination of Sir William Hamilton’s Philosophy*, 1865, 286 s; nota in J. Mill, *Analysis of the Phenomena of the Human Mind*, i, 1869, 106 ss. A fonte original é D. Hartley, *Observations on Man*, 1749, pt. i, ch. i, sect. 2, prop. 12. cor. 1 (i, 1810, 77 s.).
- [30] *PP*, 465.
- [31] *PP*, 672, 680.
- [32] *PP*, vi.
- [33] *PP*, 717 ss., esp. 724.
- [34] *PP*, 831. 835.
- [35] *PP*, 720 s., 723 s., 834 s.
- [36] *PP*, 792 s., 831 ss.
- [37] *PP*, 788 ss.
- [38] *PP*, 793; cf. as seções anteriores do cap. xix.
- [39] *PP*, 837 s.
- [40] *PES*, 115 s.; *The Origin of the Knowledge of Right and Wrong*, 47.
- [41] A despeito das observações no §3 e no §6, abaixo, pode parecer injusto com Brentano se, mesmo neste esboço preliminar da questão psicológica, é deixado sem registro o seu interesse em experimento. Notamos, então, que tão inicialmente quanto em 1874 ele impulsionou o estabelecimento em Vienna de um laboratório psicológico. (*Ueber die Zukunft der Philosophie*, 1893, 47 f.); que ele publicou *Untersuchungen zur Sinnespsychologie*

(1907) e em particular ele trouxe à atenção dos psicólogos a ilusão de Müller-Lyer (*Zeits. f. Psych. u. Phys. d. Sinnesorgane*, iii, 1892, 339); e que Stumpf, que era seu aluno (Ueberweg-Heinze, iv. 1906, 334 f.), deu-nos o experimental *Tonpsychologie*. Tudo isto, entretanto, não impede que ele seja, no sentido estreito, um psicólogo ‘empírico’. Stumpf nos diz que o seu próprio trabalho é o de *descrever as funções psíquicas que são postas em ação pelos tons* (*Tonpsych.*, i, 1883, v) e declara posteriormente que *não pode haver uma psicologia dos tons; apenas uma psicologia das percepções tonais, dos julgamentos tonais, dos sentimentos tonais* (*Zur Einteilung der Wissenschaften*, 1907, 30). Brentano, mesmo com um laboratório, não teria sido, no sentido de Wundt, um psicólogo *experimental*. Além do mais, conhecemos algo do programa sistemático de Brentano. A psicologia empírica não é para ser concluída; é para ser suplementada e substituída por uma psicologia *descritiva* (*The Origin*, etc., vii, 51 f.), fragmentos do qual apareceram em *The Origin of the Knowledge of Right and Wrong* (lidando com os fenômenos do amor e do ódio e, nas Notas, com o julgamento) e no *Untersuchungen* senso-percepção) [*sic*]. Por sua vez, isto deverá se seguir de uma psicologia explicativa [*sic*] ou *genética*, uma amostra da qual é oferecida uma amostra em *Das Genie*, 1892 (ver *The Origin*, etc., 123).

[42] A substituição da “psicologia dos povos”³ pelo experimento no estudo dos processos mentais mais complicados aparece na quarta edição (*PP*, i, 1893, 5) a restrição com relação ao paralelismo psicofísico na quinta edição (*PP*, iii, 1903, 775 ss.).

Nota Biográfica

Edward Bradford Titchener (1867-1927) foi um psicólogo britânico que estudou com Wundt, em Leipzig. Tradicionalmente, diz-se que coube a ele a divulgação do trabalho do mestre, sendo que – de fato – Titchener alterou o trabalho original de Wundt, mesmo alegando ser seu fiel seguidor. Sua nova proposta recebeu o nome de “Estruturalismo”, e é considerada o primeiro sistema de pensamento da psicologia moderna. Sua principal obra é *Experimental Psychology*, em quatro volumes, publicada entre 1901 e 1905, mas publicou ainda: *An Outline of Psychology* (1896); *Primer of Psychology* (1898); *Elementary Psychology of Feeling and Attention* (1908); *Experimental Psychology of the Thought Processes* (1909); *A Textbook of Psychology* (dois volumes, 1909-1910); e *A Beginner’s Psychology* (1915).

Tradução: Afonso Henrique Lisboa da Fonseca
Revisão Técnica: Marcos Janzen e Adriano Holanda

³ “Folk-Psychology”, no original em inglês. Refere-se à *Völkerpsychologie*, de Wundt (Nota do Tradutor).